

A ESPERANÇA PARTIRÁ MEU CORAÇÃO



UNIFICA-ME

DESTROA-ME & FRAGMENTA-ME

OS CONTOS 1.5 E 2.5 DA SÉRIE ESTILHAÇA-ME + O DIÁRIO DE JULIETTE

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

TAHEREH MAFI

UNIFICA-ME

TAHEREH MAFI

UNIFICA-ME

São Paulo
2021

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Unite Me

Destroy me © 2012; Fracture me © 2013; Juliette's Journal © 2014 -
by Tahereh Mafi
All rights reserved

© 2021 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de
19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da
editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os
meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação
ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Gerente editorial: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches**

Tradução: **Cynthia Costa**

Preparação: **Monique D'Orazio**

Revisão: **Nathalia Ferrarezi e Nilce Xavier**

Capa: **Colin Anderson**

Foto de capa: **Sharee Davenport**

Arte e Adaptação da capa: **Renato Klisman**

Projeto gráfico: **Aline Maria**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M161u Mafi, Tahereh
Unifica-me / Tahereh Mafi ; tradução de
Cynthia Costa.
— São Paulo : Universo dos Livros, 2021.
192 p. (Estilhaça-me)

e-ISBN 978-65-5609-126-6
Título original: Unite me

1. Literatura juvenil norte-americana 2,
Distopia
Ficção I. Título II. Costa, Cynthia

21-2497

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803

CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

SUMÁRIO

DESTRUA-ME

FRAGMENTA-ME

DIARIO DE
JULIETTE



ELA ME ESCOLHERÁ

**DESTROIA-ME
DESTROIA-ME**



Prólogo

Levei um tiro.

E, ao que parece, um ferimento de bala é bem mais desconfortável do que eu imaginava.

Minha pele está fria e pegajosa; preciso fazer um esforço hercúleo para respirar. A tortura ruge pelo meu braço direito, e eu não consigo focar. Preciso apertar bem os olhos, ranger os dentes, me forçar a prestar atenção.

O caos é insuportável.

Várias pessoas estão gritando e muitas delas me tocando, e eu quero remover suas mãos cirurgicamente. Gritam “Senhor!”, como se ainda esperassem que eu lhes desse ordens, como se não tivessem ideia do que fazer sem as minhas instruções. Perceber isso me exaure.

– Senhor, está me ouvindo? – Outro grito; mas, desta vez, de uma voz que não odeio. – Senhor, por favor, está me ouvindo...

– Levei um tiro, Delalieu – consigo dizer. Abro os olhos. Vejo como os dele estão cheios d’água. – Mas não fiquei surdo.

De repente, o barulho cessa. Os soldados se calam.

Delalieu olha para mim. Preocupado.

Eu suspiro.

– Leve-me de volta – digo a ele, virando-me um pouco. O mundo parece oscilar e estabilizar-se de uma só vez. – Avise os médicos e prepare minha cama para a nossa chegada. Enquanto isso, erga o meu braço e continue pressionando a ferida. A bala quebrou ou fraturou algo, então será necessário operar.

Delalieu não diz nada por um momento longo demais.

– Que bom que o senhor está bem. – A voz dele soa nervosa, vacilante. – Que bom que está bem.

– Foi uma ordem, tenente.

– Claro – ele responde depressa com um aceno de cabeça. –
Certamente, senhor. Como devo instruir os soldados?

– Encontre-a – ordeno.

Falar está ficando mais difícil. Respiro um pouco e passo a mão trêmula pela testa. Percebo que estou transpirando em excesso.

– Sim, senhor. – Ele me ajuda a levantar, mas eu agarro seu braço.

– Uma última coisa.

– Senhor?

– Kent. – Minha voz falha agora. – Certifiquem-se de mantê-lo vivo para mim.

De repente ergue os olhos arregalados.

– Soldado Adam Kent, senhor?

– Sim – olho nos olhos dele. – Ele é meu!

Um

Delalieu está ao pé da cama segurando uma prancheta.

Ele já é a minha segunda visita nesta manhã. A primeira foi a dos médicos, que confirmaram que a cirurgia tinha corrido bem. Disseram que, como eu fiquei em repouso esta semana, os novos medicamentos devem acelerar meu processo de cura. Também disseram que eu devo estar apto para retomar as atividades cotidianas em breve, mas serei obrigado a usar uma tipoia por pelo menos um mês.

Eu lhes disse que aquela era uma teoria interessante.

– Minhas calças, Delalieu.

Estou me sentando, tentando firmar minha cabeça contra a náusea desses novos remédios. Para todos os efeitos, meu braço direito está inutilizado agora.

Olho para cima. Delalieu está me encarando, sem piscar, o pomo de adão latejando em sua garganta.

Eu sufoco um suspiro.

– O que foi?

Uso o braço esquerdo para me firmar contra o colchão e me forço a ficar em pé, o que consome cada grama de energia que me resta. Fico agarrado à estrutura da cama, mas não permito que Delalieu me ajude; fecho os olhos para controlar a dor e a tontura.

– Diga-me o que aconteceu – ordeno. – Não adianta adiar más notícias.

Sua voz falha duas vezes quando ele diz:

– O soldado Adam Kent escapou, senhor.

Meus olhos faíscam com um brilho branco por trás das pálpebras. Respiro fundo e tento passar a mão boa pelo cabelo. Está espesso e seco, coberto com o que deve ser sujeira misturada com meu próprio sangue. Quero socar a parede com o punho que me resta.

Em vez disso, permito-me um momento para me recompor.

Subitamente, fico muito ciente de tudo ao meu redor, os cheiros e os pequenos ruídos e os passos do lado de fora da porta. Odeio essas calças de algodão áspero. Odeio não estar usando meias. Quero tomar banho. Quero me trocar.

Quero alojar uma bala na espinha de Adam Kent.

– Pistas – eu exijo.

E me movo em direção ao banheiro, estremecendo contra o ar frio que atinge minha pele; ainda estou sem camisa. Tentando manter a calma.

– Não me diga que você trouxe essa informação sem ter nenhuma pista.

Minha mente é um depósito de emoções humanas cuidadosamente organizadas. Quase posso ver meu cérebro funcionando, arquivando pensamentos e imagens. Tranco as informações que não me servem. Concentro-me apenas no que precisa ser feito: os componentes básicos da sobrevivência e as inúmeras coisas que devo administrar ao longo do dia.

– Não, senhor – diz Delalieu. O medo em sua voz me incomoda um pouco, mas ignoro. – Sim, senhor – ele continua –, acho que sabemos para onde ele pode ter ido e temos motivos para acreditar que o soldado Kent e a... e a garota... Bem, como o soldado Kishimoto também fugiu... Nós temos motivos para acreditar que estão todos juntos, senhor.

As gavetas na minha mente estão chacoalhando para serem abertas. Recordações. Teorias. Sussurros e sensações.

Eu as empurro do alto de um penhasco.

– É claro que têm. – Eu balanço a cabeça, mas me arrependo. Fecho os olhos para controlar a repentina instabilidade. – Não me dê informações que já deduzi por conta própria – consigo dizer. – Quero algo concreto. Me dê uma pista sólida, tenente, ou me deixe em paz até que tenha uma.

– Um carro – Delalieu diz rapidamente. – Um carro foi dado como roubado, senhor, e conseguimos rastreá-lo até um local não identificado, mas ele desapareceu do mapa. É como se tivesse deixado de existir, senhor.

Eu olho para cima. Dedico-lhe toda a minha atenção.

– Seguimos os rastros que deixou em nosso radar – ele prossegue, falando com mais calma agora – e chegamos a um terreno isolado e árido, mas vasculhamos a área e não encontramos nada. – Já é alguma coisa, pelo menos.

Esfrego a nuca, lutando contra a fraqueza que sinto até o fundo dos meus ossos. Aviso:

– Encontro você na Sala L em uma hora.

– Mas, senhor – diz ele, com os olhos voltados para o meu braço –, o senhor precisará de ajuda... Há todo um processo... Precisaré de um enfermeiro...

– Está dispensado.

Ele hesita.

Depois:

– Sim, senhor.

Dois

Consigo tomar banho sem perder a consciência.

Foi mais um banho de gato, mas me sinto melhor mesmo assim. Tenho um limiar extremamente baixo para a desordem; é algo que me irrita no fundo da alma. Tomo banho regularmente. Faço seis pequenas refeições por dia. Dedico duas horas todos os dias para o exercício físico. E detesto ficar descalço.

Agora, estou nu, com fome, cansado e descalço no meu *closet*. É longe de ser o ideal.

O espaço é dividido em várias seções. Camisas, gravatas, calças, jaquetas e botas. Meias, luvas, cachecóis e casacos. Tudo organizado por cor, depois por tons dentro da paleta de cada cor. Cada peça de roupa é meticulosamente escolhida e feita sob medida para se adequar exatamente ao meu corpo. Não me sinto eu até estar totalmente vestido; faz parte de quem sou e de como começo meu dia.

Mas agora não tenho a menor ideia de como conseguirei me vestir.

Minha mão treme enquanto alcanço o vidrinho azul que me foi dado naquela manhã. Coloco dois dos comprimidos na língua para que se dissolvam. Não sei exatamente qual é o efeito, só sei que ajudam a reabastecer o sangue que perdi. Então, eu me apoio contra a parede até que meus pensamentos se desanuviem e eu me sintam mais forte para ficar em pé.

Para cumprir uma tarefa tão comum. Não é um obstáculo com o qual eu estava contando.

Calço as meias primeiro; um prazer simples que requer mais esforço do que atirar em um homem. Logo me pergunto o que os médicos fizeram com as minhas roupas. *As roupas*, digo a mim mesmo, *apenas as roupas*; estou me concentrando apenas nas roupas daquele dia. Em nada mais. Nenhum outro detalhe.

Botas. Meias. Calças. Blusa. Jaqueta militar com seus muitos botões.

Os muitos botões que ela estourou.

É um pequeno lembrete, mas suficiente para me desconcentrar. Tento lutar contra, mas a lembrança persiste e, quanto mais eu tento ignorar a memória, mais ela se multiplica, como se fosse um monstro que não pode mais ser contido. Nem percebo que fui escorregando pela parede até sentir o frio subindo pela minha pele; estou respirando muito forte e fechando os olhos com força para refrear o súbito constrangimento.

Sabia que ela estava apavorada, horrorizada até, mas nunca pensei que esses sentimentos fossem dirigidos a mim. Eu a observei evoluindo à medida que passávamos o tempo juntos; ela parecia mais confortável com o decorrer das semanas. Mais feliz. À vontade. Me permiti acreditar que ela enxergava um futuro para nós; que ela queria ficar comigo, mas simplesmente achava impossível.

Nunca suspeitei que sua repentina felicidade fosse por causa do Kent.

Passo a mão boa por todo o rosto; cubro a boca. As coisas que eu disse a ela.

Uma respiração apertada.

A maneira como a toquei.

Minha mandíbula fica tensa.

Se não fosse nada além de atração sexual, tenho certeza de que não sofreria essa humilhação insuportável, mas eu queria muito mais do que o seu corpo.

De repente, imploro à minha mente para não pensar em nada além de paredes. Paredes. Paredes brancas. Blocos de concreto. Cômodos vazios. Espaços abertos.

Construo paredes até que elas comecem a desmoronar e, então, forço a construção de outro conjunto para ocupar seu lugar. Construo e construo e permaneço imóvel até que minha mente fique limpa, descontaminada, contendo nada além de uma pequena sala branca. Uma única lâmpada pendendo do teto.

Limpa. Impecável. Imperturbável.

Pisco quando uma onda de desastre ameaça o pequeno mundo que construí; engulo em seco contra o medo que começa a apertar

minha garganta. Empurro as paredes para trás, criando mais espaço na sala até que eu finalmente possa respirar. Até que eu seja capaz de ficar nela.

Às vezes, gostaria de poder sair de mim por um tempo. Queria deixar este corpo desgastado para trás, mas minhas correntes são muitas e meus pesos, muito pesados. Esta vida é tudo que resta para mim. E sei que não serei capaz de me encontrar no espelho pelo resto do dia.

De repente, estou com nojo de mim mesmo. Tenho que sair dessa sala o mais rapidamente possível, ou meus próprios pensamentos vão travar uma guerra contra mim. Tomo uma decisão precipitada e, pela primeira vez, não presto atenção ao que estou vestindo. Coloco uma calça limpa e vou sem camisa. Enfio o braço bom na manga de um blazer e o outro ombro na alça da tipoia que está carregando meu braço ferido. Pareço ridículo, exposto assim, mas vou encontrar uma solução amanhã.

Primeiro, tenho que sair daqui.

Três

Delalieu é a única pessoa aqui que não me odeia.

Ele ainda passa a maior parte do tempo na minha presença se encolhendo de medo, mas, por algum motivo, não tem interesse em me derrubar. Posso sentir, embora não entenda. Ele, provavelmente, é a única pessoa neste edifício contente por eu não estar morto.

Levanto a mão para afastar os soldados que vêm correndo quando eu abro a porta. É necessária muita concentração para evitar que meus dedos tremam enquanto limpo o leve brilho de suor da minha testa, mas não vou me permitir um momento de fraqueza. Esses homens não temem por minha segurança; só querem ver de perto o espetáculo que me tornei. Querem dar uma primeira espiadinha nas rachaduras da minha sanidade, mas não desejo ser examinado por olhos curiosos.

Meu trabalho é liderar.

Fui baleado; não será fatal. Existem coisas a serem resolvidas; eu vou resolvê-las.

Esta ferida será esquecida.

Não se falará dela.

Vou abrindo e fechando os dedos enquanto caminho em direção à Sala L. Nunca tinha percebido como são longos estes corredores e quantos soldados se enfileiram ao longo deles. Não disfarçam seus olhares curiosos nem sua decepção por eu não ter morrido. Nem preciso olhar para eles para saber o que estão pensando. Mas, sabendo como se sentem, fico ainda mais determinado a viver uma vida muito longa.

Não darei a ninguém a satisfação da minha morte.

– Não.

Dispenso o serviço de chá e café pela quarta vez.

– Não bebo cafeína, Delalieu. Por que você sempre insiste que ela seja servida nas minhas refeições?

– Suponho que sempre espero que mude de ideia, senhor.

Olho para ele. Delalieu está sorrindo aquele sorriso estranho e inseguro. E, não estou totalmente certo, mas acho que ele acabou de fazer uma piada.

– Por quê? – pego uma fatia de pão. – Sou perfeitamente capaz de manter os olhos abertos. Só um idiota confiaria na energia de um grão ou de uma folha para ficar acordado o dia todo.

Delalieu não está mais sorrindo.

– Sim – ele diz. – Certamente, senhor.

Ele olha para a própria refeição. Observo enquanto seus dedos afastam a xícara de café. Largo o pão de volta no meu prato.

– Minhas opiniões não devem quebrar as suas tão facilmente – digo a ele, baixinho desta vez. – Mantenha suas convicções. Elabore argumentos claros e lógicos. Mesmo se eu discordar.

– Claro, senhor – ele sussurra.

E não diz mais nada por alguns segundos. Mas, então, vejo que pega o café novamente.

Delalieu.

Ele, eu acho, é meu único interlocutor.

Foi originalmente designado para este setor por meu pai e, desde então, recebeu ordens de permanecer aqui até que não seja mais capaz de desempenhar a função. Apesar de ser, provavelmente, 45 anos mais velho do que eu, ele insiste em permanecer diretamente abaixo de mim. Conheço o rosto de Delalieu desde a infância; costumava vê-lo em casa, sentado nas muitas reuniões que aconteciam nos anos que antecederam a ascensão do Restabelecimento.

As reuniões eram infinitas na minha casa.

Meu pai estava sempre planejando coisas, conduzindo discussões e conversas sussurradas das quais eu nunca tinha permissão para participar. Os homens que frequentavam aquelas reuniões estão agora no comando do mundo, então, quando olho para Delalieu, não posso deixar de me perguntar por que ele nunca aspirou ir mais longe. Ele faz parte desse regime desde o início, mas, por algum motivo, parece contente em morrer assim como é

agora. Ele escolhe permanecer subserviente, mesmo quando lhe dou oportunidades de falar; recusa-se a ser promovido, mesmo quando lhe ofereço um salário mais alto. E, embora eu seja grato à sua lealdade, toda essa devoção me irrita. Ele não parece desejar mais do que aquilo que tem.

Eu não deveria confiar nele.

Ainda assim, eu confio.

Comecei, porém, a enlouquecer por falta de alguém para conversar. Não consigo manter nada além de uma fria distância dos meus soldados, não só porque todos desejam me ver morto, mas também porque tenho a responsabilidade de ser seu líder para tomar decisões imparciais. Me sentenciei a uma vida de solidão, na qual não tenho colegas nem qualquer mente além da minha. Procurei me construir como um líder temido e consegui; ninguém vai questionar a minha autoridade ou postular uma opinião contrária. Ninguém vai falar nada comigo a não ser o comandante-chefe e regente do Setor 45. Amizade não é algo que eu já tenha experimentado. Nem quando era criança, nem agora.

Com uma exceção.

Um mês atrás, conheci a exceção a essa regra. *Houve* uma pessoa que me olhou diretamente no olho. A mesma pessoa que falou comigo sem filtros; alguém que não teve medo de demonstrar raiva e sentimentos reais, em estado cru, na minha presença; a única que já se atreveu a me desafiar, a levantar a voz para mim...

Aperto meus olhos pelo que parece ser a décima vez hoje. Abro o punho em torno do garfo e o deixo cair sobre a mesa. Meu braço começou a latejar novamente, e eu retiro os comprimidos guardados no meu bolso.

– O senhor não deve tomar mais do que oito dentro de um período de 24 horas, senhor.

Abro a tampa e coloco mais três na boca. Realmente gostaria que as minhas mãos parassem de tremer. Meus músculos parecem muito apertados, muito tensos. Como se tivessem sido estirados.

Não espero que os comprimidos se dissolvam. Começo a mastigá-los, sentindo seu amargor. Há algo no sabor desagradável e metálico que me ajuda a recuperar a concentração.

– Fale-me sobre o Kent.

Delalieu derruba sua xícara de café.

As copeiras tinham saído da sala porque mandei; Delalieu não recebe ajuda para limpar a bagunça. Eu me recosto na cadeira, olhando para a parede atrás dele, calculando mentalmente os minutos que perdi ao longo do dia.

– Largue o café.

– Eu... Sim, é claro, senhor...

– Pare.

Delalieu larga os guardanapos encharcados. Suas mãos ficam paralisadas no ar, sobre seu prato.

– Fale.

Eu vejo o nó em sua garganta enquanto ele engole e hesita.

– Nós não sabemos, senhor – murmura. – Deveria ser impossível encontrar o prédio, quem dirá entrar. Ele foi aparafusado e soldado. Mas, quando o encontramos – ele relata –, quando o encontramos... A porta havia sido destruída. Não tenho certeza de como conseguiram fazer isso.

Corrijo a minha postura.

– O que você quer dizer com destruída?

Ele balança a cabeça.

– Foi... Muito estranho, senhor. A porta estava... destroçada. Como se algum animal tivesse aberto uma passagem com as garras. Havia apenas um buraco irregular no meio da moldura.

Levanto-me rápido demais, segurando a mesa para me apoiar.

Fico sem fôlego só de pensar nisso, na possibilidade do que deve ter acontecido. E não posso deixar de me permitir o prazer doloroso de lembrar o nome dela mais uma vez, porque sei que deve ter sido ela. Ela deve ter feito algo extraordinário, e eu nem estava lá para testemunhar.

– Chame o transporte – ordeno. – Encontro você no Quadrante daqui a exatamente dez minutos.

– Senhor?

Já estou lá fora.

Quatro

Transpassada bem no meio. Como se fosse a obra de um animal. É verdade.

Para um observador desavisado, seria a única explicação; ainda assim, não faria nenhum sentido. Nenhum animal vivo poderia arranhar esses muitos centímetros de aço reforçado sem amputar os próprios membros.

E ela não é um animal.

É uma criatura suave e mortal. Gentil, tímida e assustadora. Está completamente fora de controle e não tem ideia do que é capaz de fazer. E, mesmo que ela me odeie, eu não consigo deixar de ficar fascinado por ela. Estou encantado com sua falsa inocência; até mesmo com inveja do poder que ela exerce tão involuntariamente. Quero muito fazer parte do seu mundo. Quero saber como é estar em sua mente, sentir o que ela sente. Esse parece ser um peso tremendo para se carregar.

E agora ela está lá fora, em algum lugar, solta na sociedade.

Que belo desastre.

Corro meus dedos ao longo das bordas dentadas do buraco, com cuidado para não me cortar. Não se trata de algo planejado, não há nenhuma premeditação. Apenas um fervor angustiados tão facilmente perceptível no rasgo caótico desta porta. Não posso deixar de me perguntar se ela sabia o que estava fazendo quando isso aconteceu ou se foi tão inesperado como no dia em que atravessou aquela parede de concreto para chegar até mim.

Tenho que reprimir um sorriso. Me pergunto como ela deve se lembrar daquele dia. Cada soldado que treinei entrou na simulação sabendo exatamente o que esperar, mas eu escondi esses detalhes dela de propósito. Pensei que a experiência deveria ser o mais autêntica possível; e esperava que os elementos realistas garantissem essa autenticidade. Mais do que qualquer outra coisa,

eu queria que ela tivesse a chance de explorar sua verdadeira natureza – exercitar sua força em um espaço seguro – e, dado seu passado, eu sabia que uma criança seria o gatilho perfeito, mas nunca poderia ter previsto resultados tão revolucionários. Seu desempenho foi além do que eu esperava. E, embora eu quisesse discutir os resultados com ela depois, quando a encontrei, ela já estava planejando sua fuga.

Meu sorriso empalidece.

– Gostaria de entrar, senhor? – a voz de Delalieu me traz de volta ao presente. – Não há muito para se ver lá dentro, mas é interessante notar que o buraco é grande o suficiente para alguém passar com facilidade. Parece claro, senhor, que essa era a intenção.

Faço que sim, distraído. Meus olhos catalogam cuidadosamente as dimensões do buraco; tento imaginar como deve ter sido para ela estar aqui, tentando passar. Quero muito poder falar com ela sobre tudo isso.

Subitamente, meu coração se retorce.

Lembro-me, mais uma vez, de que ela não está mais comigo. Não mora mais na base.

Sou culpado por ela ter ido embora. Eu me permiti acreditar que ela finalmente estava indo bem, e isso afetou meu julgamento. Deveria ter prestado mais atenção aos detalhes. Aos soldados.

Perdi de vista meu propósito e meu objetivo maior; toda a razão pela qual eu a trouxe para a base. Fui burro. Descuidado.

Mas a verdade é que eu estava distraído.

Por ela.

Ela era tão teimosa e infantil quando chegou; mas, com o passar das semanas, pareceu se acalmar; ficou menos ansiosa, de alguma maneira com menos medo. Tenho de continuar lembrando a mim mesmo que a evolução dela não teve nada a ver comigo.

Mas, sim, com Kent.

Uma traição que, de certa forma, parecia impossível. Que ela iria me deixar por um idiota robótico e insensível como Kent. Seus pensamentos são tão vazios, tão irracionais; é como conversar com um abajur. Não entendo o que ele pode ter oferecido a ela, o que ela pode ter visto nele, exceto uma ferramenta para escapar dali.

Ela ainda não percebeu que não há futuro para ela no mundo das pessoas comuns. Ela não pertence a um grupo que nunca vai entendê-la. E eu tenho que trazê-la de volta.

Só percebo que disse isso em voz alta quando ouço a voz de Delalieu.

– Temos tropas em todo o setor procurando por ela – ele diz. – E alertamos os setores vizinhos, caso o grupo cruze...

– O quê? – eu me viro; minha voz está calma e ameaçadora. – O que acabou de dizer?

Delalieu empalidece de forma doentia.

– Só fiquei inconsciente por uma noite! E vocês já alertaram os outros setores sobre essa *catástrofe*...

– Pensei que ia querer encontrá-los, senhor, e imaginei que eles poderiam buscar refúgio em outro lugar...

Preciso de um instante para respirar e me recompor.

– Sinto muito, senhor. Pensei que seria mais seguro...

– Ela está acompanhada por dois dos meus próprios soldados, tenente. Nenhum deles é burro o bastante para levá-la a outro setor. Eles não têm a permissão de cruzar a fronteira entre setores nem as ferramentas para obtê-la.

– Mas...

– Eles desapareceram há um dia. Estão seriamente feridos e precisam de ajuda. Estão viajando a pé e com um veículo roubado facilmente rastreável. Será que podem ter ido longe? – pergunto a ele, a frustração despontando na minha voz.

Delalieu não diz nada.

– Você disparou um alarme nacional. Notificou vários setores, o que significa que agora o país inteiro sabe. O que também significa que as capitais já foram avisadas. E isso significa o quê? – Cerro o punho da mão boa. – O que acha que isso significa, tenente?

Por um momento, ele parece não conseguir falar.

Então:

– Senhor – ele engasga. – Por favor, me perdoe.

Cinco

Delalieu me acompanha até a minha porta.

– Reúna as tropas no Quadrante amanhã às dez horas – é assim que eu me despeço dele. – Terei de fazer um anúncio sobre o que aconteceu e sobre o que acontecerá a partir de agora.

– Sim, senhor – diz Delalieu. Ele não olha para cima. Não me olhou desde que saímos do galpão.

Mas tenho outras coisas com que me preocupar.

Além da estupidez de Delalieu, há um número infinito de problemas com os quais tenho de lidar agora. Não posso me dar ao luxo de ter mais dificuldades e nem permitir distrações. Não por ela. Não por Delalieu. Nem por ninguém. Preciso me focar.

Que péssimo momento para estar machucado.

A notícia da nossa situação já atingiu nível nacional. Civis e setores vizinhos agora estão cientes de nosso pequeno levante, e temos que abafar os rumores tanto quanto possível. Tenho que dar um jeito de desarmar os alertas que Delalieu já enviou e, ao mesmo tempo, suprimir qualquer esperança de rebelião entre os cidadãos. Eles já estão flertando com a resistência, e qualquer centelha de controvérsia vai reacender seu fervor.

Muitos já morreram e ainda não parecem entender que se opor ao Restabelecimento é pedir mais destruição. Os civis devem ser pacificados.

Não quero uma guerra no meu setor.

Agora, mais do que nunca, preciso estar no controle de mim mesmo e das minhas responsabilidades, mas minha mente está dispersa, e meu corpo, cansado e ferido. O dia todo estive à beira de um colapso e não sei o que fazer. Não tenho ideia de como consertar isso. Essa fraqueza é estranha ao meu ser.

Em apenas dois dias, uma garota conseguiu me paralisar.

Tomei outras daquelas pílulas nojentas, mas me sinto mais fraco do que de manhã. Achei que poderia ignorar a dor e a inconveniência de um ombro ferido, mas a complicação se recusa a diminuir. Agora estou totalmente dependente de qualquer coisa que me permita encarar essas próximas semanas de frustração. Remédios, médicos, horas na cama.

Tudo por causa de um beijo.

É quase insuportável.

– Estarei no meu escritório pelo resto do dia – aviso Delalieu. – Mande as refeições para o meu quarto e não me perturbe, a menos que haja novos desdobramentos.

– Sim, senhor.

– Isso é tudo, tenente.

– Sim, senhor.

Nem me dou conta de como estou me sentindo mal até fechar a porta do quarto. Cambaleio até a cama e me agarro à sua estrutura para não cair. Estou suando de novo e decido tirar o blazer que usei na nossa excursão externa. Puxo a peça de roupa que joguei displicentemente sobre meu ombro machucado esta manhã e caio de costas na cama. Estou, de repente, congelando. Minha mão sadia treme quando tento alcançar o botão de chamada do médico.

Preciso trocar o curativo no meu ombro. Preciso comer algo substancial. E, mais que tudo, preciso desesperadamente tomar um banho de verdade, o que parece algo impossível.

Alguém está parado perto de mim.

Pisco várias vezes, mas só consigo ver uma silhueta. Um rosto continua entrando e saindo de foco, até que eu finalmente desisto. Meus olhos se fecham. Minha cabeça está latejando forte. A dor está queimando meus ossos e subindo pelo meu pescoço; *flashes* vermelhos, amarelos e azuis se misturam atrás das minhas pálpebras. Entendo apenas lances da conversa ao meu redor.

... parece ter desenvolvido uma febre...

... provavelmente, sedá-lo...

... quantos ele tomou?...

Eles vão me matar, eu percebo. É a oportunidade perfeita. Estou fraco e incapaz de lutar, e alguém finalmente veio me matar. É isso.

Meu momento. Chegou. E, de alguma forma, eu não consigo aceitar.

Reajo às vozes; um som desumano escapa da minha garganta. Algo duro atinge meu punho e cai no chão. Mãos seguram meu braço direito e o prendem no lugar. Algo está sendo apertado em volta dos meus tornozelos, do meu pulso. Estou me debatendo contra essas novas restrições e chutando desesperadamente o ar. A escuridão parece estar pressionando meus olhos, meus ouvidos, minha garganta. Não consigo respirar, não consigo ouvir nem ver com clareza, e a sufocação do momento é tão terrível que tenho quase certeza de que perdi a cabeça de vez.

Algo frio e afiado aperta meu braço.

Tenho apenas um momento para refletir sobre a dor antes que ela me engula por completo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Unifica-me"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).